



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: UMA EXPERIÊNCIA NO PARQUE ECOLÓGICO DE OURINHOS- SP.

Área temática: Educação

Gabriela Ribeiro de São José¹; Leonardo Vinícius Fernandes da Silva¹

¹Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Ourinhos - Graduandos do curso de Geografia e Bolsistas do Programa de Educação Tutorial.

Resumo: O seguinte trabalho relata a experiência vivenciada no Parque Ecológico de Ourinhos, o trabalho de campo discutido no artigo discutiu com alunos da escola pública conhecimentos acerca da questão do bioma Mata Atlântica, a canalização dos rios, e a relação do ser humano com o tempo.

Palavras chaves: Parque Ecológico, Urbanização, Mata Atlântica

1. Introdução

Foi realizado em parceria da UNESP- Ourinhos junto à E.E. Josépha Cubas da Silva, um trabalho de campo pela região do município de Ourinhos, onde os alunos puderam acompanhar como se deu formação do espacial do município, diversos pontos foram visitados pelo grupo e tiveram uma contextualização histórica realizada pelos discentes da disciplina pesquisa em geografia, oferecida pelo professor doutor Lucas Labigalini Fuini. O ponto apresentado nesse trabalho, foi o “Parque ecológico municipal de Ourinhos” localizado na Rua Monsenhor Córdova nº 46, um dos poucos pontos que restaram da mata atlântica de interior no entorno.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



2. Material e Metodologia

A universidade entrou em contato com a Escola Estadual Josépha Cubas da Silva para a realização deste trabalho de campo durante o primeiro semestre de 2015 com os alunos do segundo ano, o trabalho de campo teve duração de 8 horas. Os discentes da disciplina “Organização do Espaço Brasileiro” programaram e coordenaram o trabalho de campo; e os alunos Leonardo Vinicius Fernandes da Silva, João Paulo Ribeiro Garozi e Gabriela Ribeiro de São José coordenaram a visita ao parque ecológico da cidade.

Foi realizada previamente o contato com o Parque ecológico e uma visita para estudo de campo, onde foram constatadas algumas contradições dentro do parque, como por exemplo a canalização do córrego Monjolinho e áreas de erosão, o que foi abordado profundamente com os alunos da escola pública.

Foi possível encontrar vários assuntos da geografia que estavam presentes na paisagem e no espaço do parque ecológico, como a biodiversidade da fauna e da flora, os aspectos da mata atlântica, o desmatamento e a extinção de animais nativos, a construção relógio de sol e a relação do ser humano com o tempo, urbanização dos córregos e seus impactos no meio ambiente.

A bibliografia utilizada foi o livro sobre o Parque Ecológico de Ourinhos da professora doutora Luciene Cristina Risso- docente do Campus da Unesp Ourinhos-, informações coletadas com o auxílio da prefeitura da cidade, e dados retirados do site sobre os pontos turísticos da região chamado de “Conheça Ourinhos”.

3. Resultados e Discussões

O primeiro passo para os estudantes entenderem a importância do local que estava sendo visitado foi contextualizar o local e abordar as características principais do Bioma da Mata Atlântica que passa por 17 estados e mais de três mil municípios, como Ourinhos por exemplo, sendo 2.594 totalmente inseridos no bioma, constituindo assim parte importante da história e desenvolvimento do Brasil. A mata atlântica abriga as



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

principais capitais brasileiras e cerca de 60% da população do país e gera cerca de 70% do PIB brasileiro.

De acordo com o decreto federal nº750/93 a mata atlântica é composta por formações florestais bem distintas, incluindo a floresta ombrófila do litoral (Serra do mar), floresta semidecidual do planalto, floresta com araucária dos estados sulinos; manguezais; restingas; campos de altitude. Segundo Tonhasca; 2005, a aglutinação desses ecossistemas não é tecnicamente apropriada, mas é vantajosa sob o ponto de vista conservacionista porque o Domínio Atlântico desfruta de proteção assegurada pela Constituição.

Um aspecto importante da Mata Atlântica, e que chamou bastante a atenção dos alunos e até dos funcionários presentes no momento, é que grande parte da fauna e da flora possuem espécies endêmicas. Segundo Pinto, et al “cerca de 990 espécies de aves, 370 espécies de anfíbios, 200 de répteis, 298 de mamíferos e 350 de peixes. Isso significa que na Mata atlântica, que representa 0,8% da superfície terrestre do planeta, estão presentes mais de 5% das espécies de vertebrados do mundo. Sua flora também é exuberante, tendo sendo estimadas mais de 15.700 espécies presentes no bioma, ou seja, cerca de 5% da flora mundial. Como comparação, a Mata Atlântica possui mais espécies de plantas do que todos os países da Europa juntos. ”

O visitante que adentra a Mata Atlântica percebe várias características presentes nesse bioma: O “ar” dependendo do local e da época do ano pode ser muito quente ou surpreendentemente fresco; a umidade é sempre alta, as chuvas e riachos são frequentes; a luminosidade no interior da floresta é muito baixa devido aos vários estratos da vegetação e os dosséis fechados da mata. Para que os alunos sentissem todas essas dimensões presentes nesse bioma, foi dada a proposta para a realização de uma experiência na qual o objetivo principal era sentir o ambiente, sendo assim, todos deveriam fechar os olhos e permanecer em silêncio durante um tempo, com a finalidade de sentir o local, ouvir o cantar dos pássaros, etc.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Uma das coisas que mais chamam a atenção quando chegamos ao parque ecológico é a canalização do “Córrego Monjolinho” como podemos observar na figura 1, o que não é comum para um parque ecológico, uma vez que canalizar significa acabar com a vida que há no canal fluvial e no seu leito. Morrem os peixes, que por seguinte morrem os pássaros que se alimentam desses peixes, morre a vegetação, e assim sucessivamente.



Figura 1: Parte do Córrego Canalizado no Parque

Fonte: Acervo Pessoal (2015)

Abordamos um pequeno histórico sobre a canalização, seus motivos, problemáticas, abordando assim temas pertinentes a geografia. A canalização teve início na segunda metade do século 20, com o avanço da industrialização, e conseqüentemente da urbanização, houve então uma grande expansão das cidades, que eram construídas próximas aos rios, devido à fácil acessibilidade. Sendo assim, também foi levantada a questão, quem deve sofrer alterações, o homem ou a natureza? Um aprofundamento na discussão com os alunos sobre a má ocupação foi um fato que ocorreu na cidade de Ourinhos em Setembro de 2014, quando durante uma forte chuva uma mulher de 45 anos e que morava muito próxima ao córrego foi arrastada pelas águas do mesmo.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Os alunos eram do segundo ano do ensino médio, e estavam trabalhando com o tema de industrialização e urbanização, o que foi legal para uma maior rede de conversa, e também uma leve introdução ao tema. O problema das enchentes, não são os rios, e sim a má ocupação. Uma das problematizações foi ao pedirmos que os alunos observassem também o entorno do parque, a rua em que descemos para adentrar ao parque possui um declive bastante íngreme, e questionamos o que isso tem a ver com as enchentes nos rios, e etc. Os alunos levantaram questões como escoamento de água, velocidade que a água ganha, etc. Há atualmente diferentes formas de canalização, menos impactantes, que utilizam de diversos materiais, para diminuir o impacto da chuva, como cascalho, vãos impermeáveis, construções em degraus, etc.

O córrego nasce no bairro Ouro Verde e foi canalizado em 2010. A importância da vegetação nas encostas é fundamental, pois: A vegetação pode controlar a erosão principalmente de duas maneiras: como uma barreira física que protege a margem contra impactos diretos e por meio do suporte oferecido pelas raízes, que funcionam como uma estrutura de fixação do solo na margem. A vegetação também captura sedimentos provenientes das partes altas do terreno, impedindo que eles alcancem a água, funcionando como um dreno para a deposição do material (Malanson,1993). Alguns chamam a canalização de “mal necessário”, porém sabemos que nem sempre a canalização irá sanar todos os problemas. Apenas se resolvem problemas locais, pois, à jusante onde não há mais canalização a força dos rios começará a erodir, e transportar sedimentos de seu leito, tornando-o um rio assoreado. Lembrando ainda que com a canalização dos rios as águas encontram dificuldade de atingir o lençol freático, como afirma Ferraz; A Redução no volume de água no lençol freático prejudica a sua contribuição como alimentador de água na bacia como um todo. Esse efeito pode assumir uma grande importância no caso das bacias cuja água é capturada para abastecimento da população e produção de energia elétrica (FERRAZ,2001, p.108).

A posteriori foi levantada a questão da impermeabilização dos solos, pois em Ourinhos, há uma lei Municipal conhecida como a Lei da calçada, onde cada



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

calçada deve ter uma faixa de 30 cm aproximadamente, para que a água percole, não atingindo com tanta intensidade os canais fluviais.

Outro ponto visitado no parque foi o relógio do sol (figura 2), onde pudemos trabalhar com os alunos a questão do domínio do tempo, que surge com o avanço da máquina a vapor, a primeira revolução industrial. O homem precisava ter um domínio maior do tempo, principalmente quando se tratava de esperar um trem, que horas o trem passaria por aquele local? A que horas o navio atracará no porto? Assim surge a dominação do tempo. Posteriormente tratamos a questão do relógio de sol, que como o próprio nome já diz nos informa a hora a partir da sombra que o sol projeta na base, sua utilização desde antes de Cristo, e como funciona. Salientamos que sua construção varia de local para local e que a hora aproximada depende da inclinação da terra (solstício e equinócio).



Figura 2: Alunos da Escola Estadual Josepha Cubas da Silva



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



4. Conclusão

A visita ao Parque ecológico de Ourinhos- SP, juntamente com os outros pontos abordados no percurso do trabalho de campo, permitiu a análise sobre o crescimento do município e seu impacto sobre a cobertura vegetal da região, através de dados os alunos perceberam que restam poucas remanescentes da Mata Atlântica nesse país, que a vegetação foi quase toda devastada em nome do crescimento econômico dos estados mais ricos da nação como: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

As espécies nativas e animais como pássaros e 30 macacos prego presentes no local demonstraram como em uma pequena área já é possível perceber a biodiversidade que a natureza é capaz de nos oferecer, os problemas como a erosão e a canalização do córrego Monjolinho também foram assuntos abordados.

O trabalho de campo e este artigo foram capazes de oferecer aos envolvidos uma análise mais crítica sobre a relação do crescimento econômico, a construção histórica e o desmatamento do meio natural e aliar isso tudo no contexto nacional e não só local.

5. Referências

Risso, L. C. Parque ecológico de Ourinhos SP: Resultados da pesquisa, ensino e extensão do CENPEA . Ed. Unesp. 2011 <http://www.conhecaourinhos.com.br/pontos-turisticos/conheca/parqueecologico> (Imagem da Entrada do Parque.)

TONHASCA JUNIOR, A. Ecologia e História Natural da Mata Atlântica. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

<http://www.conhecaourinhos.com.br/pontosturisticos/conheca/parqueecologico> <disponível em 29/06/2015> (Informações sobre o Parque Ecológico de Ourinhos)